



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de batismo da plataforma P-53

Rio Grande-RS, 18 de setembro de 2008

Jornalista: (inaudível)

Presidente: O que pode ser feito para melhorar é a seqüência de muitas outras plataformas, o que vai criando mão-de-obra especializada em cada região. Nós tínhamos mão-de-obra especializada escassa, tínhamos praticamente um único estado que tinha mão-de-obra razoável, que era o Rio de Janeiro, e no início, inclusive muita gente que já tinha se afastado, voltou ao mercado de trabalho. Na medida em que a gente vai produzindo várias plataformas, vamos qualificando mão-de-obra onde tiver estaleiro. Daqui a algum tempo você vai ter, trabalhando aqui, a grande maioria dos trabalhadores de Rio Grande ou das cidades vizinhas. A Bahia também vai ter estaleiro, Pernambuco também vai ter, o Rio de Janeiro também vai ter estaleiro, e os trabalhadores estarão trabalhando nos seus estados, o que é uma coisa extraordinária. O que vai ter um pouco de mobilidade são aquelas profissões de maior qualificação, que muitas vezes precisam se deslocar de um estado para outro.

Tenho andado por aí e tenho encontrado gaúchos em Pernambuco, pernambucanos no Rio Grande do Sul, cariocas na Bahia, baianos no Rio de Janeiro, este é o Brasil unitário que queremos construir. Certamente, como Rio Grande será um grande pólo da indústria naval brasileira, eu não tenho dúvida de que daqui a alguns anos nós teremos uma imensidão de trabalhadores altamente qualificados para tocar a indústria naval aqui em Rio Grande.

Jornalista: (inaudível) Rio Grande (inaudível) PT nacional. Na última eleição



aqui em Rio Grande, na disputa, teve uma (inaudível) tão grande. Eu gostaria de saber se para o governo federal isso faria alguma diferença ter um governo local do próprio partido ou as tratativas (inaudível)

Presidente: Eu não queria falar das eleições municipais. Sabem por quê? Porque hoje o governo federal tem investimentos em mais de 5.200 municípios brasileiros. Não quero saber de que partido é o prefeito, não quero saber para qual time ele torce, não quero saber que religião ele frequenta. Eu quero saber se ele é prefeito e se tem necessidade de obras na cidade. Se tiver, ele vai receber. Então, está acontecendo uma coisa fantástica no Brasil hoje. Todos os prefeitos, independentemente do partido, estão recebendo muito dinheiro do governo federal e todos estão colocando as obras do governo federal na televisão. Acho que isso é o importante.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: A BR-392, depois a Dilma vai falar sobre ela, porque a Dilma que é a mãe do PAC, então vai ter que falar sobre a 392. Eu queria dizer para vocês o seguinte: vocês estão olhando muito para mim, para a Dilma, para o José Sergio Gabrielli e para a Graça. Dêem uma olhadinha para trás, para ver se vocês sentem o orgulho que eu estou sentindo.

Quero, José Sergio, dizer o seguinte: arrumar crédito para que a Petrobras continue fazendo os investimentos que está fazendo e para que a gente possa antecipar ao máximo a tirada de petróleo do pré-sal não é apenas responsabilidade da Petrobras. Podem ficar certos de que o governo brasileiro... Eu, pessoalmente estarei engajado nessa luta de conversar com quem quer que seja, de viajar para onde for necessário, para que nenhum projeto da Petrobras seja paralisado por conta de crédito. Posso dizer para vocês que o governo federal assumirá, junto com a Petrobras, a



responsabilidade de arrumar crédito para que as obras não parem. Uma obra qualquer parar, um projeto qualquer parar, significa levar alguns meses ou alguns anos para retomar, e nós não vamos permitir que paralisem nenhum projeto da Petrobras. Quero repetir: nós não vamos permitir que seja paralisado nenhum grande projeto de infra-estrutura que estamos fazendo neste país.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu já tive oportunidade de conversar com o presidente Bush sobre a 4ª frota, o Celso Amorim já teve oportunidade de conversar com a Condoleezza Rice sobre a 4ª frota, e, obviamente, nós estamos preocupados. Eles dizem que não é nada, que é apenas uma coisa de pesquisa. De qualquer forma, nós estamos preocupados porque é muito próximo da fronteira marítima brasileira, e achamos que não precisamos de 4ª frota. O que nós precisamos é que a Marinha brasileira tome conta das nossas plataformas e do nosso pré-sal. Somos um país tranquilo, não falamos em guerra, falamos em paz; não queremos conflito, queremos desenvolvimento. Eu penso que é isso o que conta na política externa brasileira. Agora a Dilma vai falar...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: É sempre gratificante a gente saber que ganhou um título de Doutor *Honoris Causa*. Com a graça de Deus, e quem sabe com a ajuda de vocês, já ganhei muitos títulos de Doutor *Honoris Causa*. Tenho ponderado que não vou receber nenhum enquanto for presidente da República, até porque eu quero saber se as pessoas vão manter o título quando eu não for mais presidente da República. Como o mandato tem um prazo determinado e eu vou deixar de ser presidente, se as pessoas mantiverem o título, com imenso prazer eu receberei todos. Mas por enquanto, enquanto for presidente, eu não



quero receber nenhum. Apenas agradecer, de coração.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não queria falar de eleição municipal, porque é uma questão muito local. O presidente da República não pode se intrometer nas eleições. Então, vamos devagar, deixem eles resolverem o problema.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não posso.... veja, se eu soubesse, eu não diria. Deixem-me falar uma coisa. Nós estamos conscientes de que a nossa política econômica é consistente, de que o colchão de sustentabilidade da nossa economia é muito forte, afinal de contas, nós temos 207 bilhões de dólares em reservas. Nós temos o Programa de Aceleração do Crescimento, que está assegurado por investimentos de 504 bilhões até 2010, nós temos muitos projetos já contratados, já financiados. Vamos ficar olhando com lupa o que está acontecendo. O que eu posso dizer para vocês é que até agora não chegou ao Brasil. O primeiro sinal que nós estamos tendo é que começam a rerrar os créditos internacionais, para qualquer país e para qualquer empresa. As pessoas transformaram alguns setores do sistema financeiro em cassino, perderam na roleta, e nós não queremos permitir que o Brasil seja vítima da jogatina de algumas pessoas que davam palpite sobre tudo no Brasil e, de repente, quebraram. Isso significa que eles não tinham a certeza absoluta que eles pensavam que tinham, e mandavam a gente agir de uma forma que eles não agiram. Eu lamento que esses bancos tenham quebrado, mas posso dizer para vocês que o País está sólido. Nós trabalhamos com a perspectiva de que possa haver uma recessão nos Estados Unidos. Ela vai afetar menos o Brasil porque nós diversificamos nossa relação comercial. Hoje nós temos apenas



15% do nosso fluxo com os Estados Unidos, nós temos muito com a América do Sul, com a Ásia, com a África, com a América Latina, com o Oriente Médio. Então, eu penso que não vai afetar o Brasil, como afetaria em outros momentos. De qualquer forma, uma crise nos Estados Unidos é sempre uma crise nos Estados Unidos.

O que nós temos que fazer? Eu estava dizendo ao presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul: nós, que produzimos máquinas e implementos agrícolas como poucos países no mundo, não podemos ficar esperando apenas a Alemanha, a França ou a Suécia comprarem as nossas máquinas. Nós temos que vender as nossas máquinas em países que têm possibilidade de comprar, que estão crescendo. Nós temos que ir para o continente africano, temos que fazer as nossas feiras lá, temos que divulgar os nossos produtos lá, para que a gente possa abrir novos mercados. Acabou-se o tempo de as pessoas ficarem esperando que os compradores venham aqui. Nós temos que colocar nossos produtos em cima da cabeça... eu tenho o maior orgulho de ser o garoto-propaganda dos produtos brasileiros, quaisquer que sejam eles, porque é assim que a gente constrói uma nação grande. Eu estou à disposição deles para viajar o continente africano vendendo máquinas, tratores, biodiesel, o que tiver para vender. Eu não terei nenhum problema em ser o mascote do Brasil, para colocar os seus produtos no mundo, para enfrentar a crise financeira americana.

(\$31EGJLP)